

COMENTÁRIO GERAL

Maestria: eis um termo que pode definir a maneira como as questões de Língua Portuguesa foram elaboradas. O apego a textos bem escolhidos, com profundidade argumentativa, atuais e estruturas bem delineadas, enfim, inteligentes deu o tom para a execução das questões, as quais precisavam de LEITORES para que fossem resolvidas. Sem PEGADINHAS, o que engrandece o processo de preparo do e para o futuro acadêmico.

Sim, já foi a época em que se cobravam questões puras de gramática, análises sintáticas para “decoreção”; é a época de privilegiar a velocidade da comunicação e a densidade da informação mesmo que em textos mais objetivos, embora variados – e cujas temáticas também variadas acrescentam o valor do processo seletivo. Exceção com relação à questão 49, pois não há na alternativa destacada como correta menção ao “rodízio de veículos”, mesmo que subliminarmente. No entanto, a falta de outra opção não prejudicou os vestibulandos.

Vale ainda destacar a importância de levar em consideração o texto-base por sua composição, pela intenção do autor, pelos argumentos e estilo utilizados por este, e, neste sentido, a prova foi um primor.

O texto a seguir é referência para as questões 46 a 48.

Sem culpa e sem vergonha

No passado, a corrupção da política brasileira costumava andar de mãos dadas com a inflação. O resultado dessa combinação era a crise institucional. Hoje, morto o dragão inflacionário e com o sistema aberto a uma maior competitividade, a corrupção que, entre outras coisas, bloqueia a eficiência dos serviços públicos, surge em estado puro e remete a questões fundamentais. De onde vem, afinal, essa roubalheira institucionalizada que, como revela o governo Lula, independe de coloração ideológica e partido político? Seria ela o resultado das nossas origens como uma colônia semi-abandonada, povoada por degredados e gente capaz de tudo para subir na vida? Estaria ligada a um mero banditismo, pronto a ser sanado por uma política eficiente? Ou teria uma ligação profunda com um desenho institucional marcado pela proteção aos superiores, a ponto de lhes garantir impunidade quando praticam a corrupção político-partidário-administrativa?

No centro da corrupção à brasileira existe uma indecisão cultural (ou moral se quiserem) entre duas éticas que operam em qualquer sistema social. A primeira é a ética particularista da casa, dos amigos e da família, que manda proteger, ignorar, relevar, condescender e perdoar o ofensor (corrente em sociedades tribais e arcaicas); a outra é a ética universalista da rua (ou do mundo público), que demanda, ao contrário, tratar com isenção ou igualdade, aquilatar a gravidade da ofensa, trazer a público o ofensor e punir adequadamente quem quer que tenha cometido o delito. Nosso problema, como a dinâmica da vida pública não cansa de mostrar, é que até hoje temos consciência dessa duplicidade, mas ignoramos solenemente suas implicações. Assim, quando se trata dos outros, somos implacáveis e a eles aplicamos sem hesitar as normas universais do mundo da rua. Maximizamos a dimensão impessoal da ofensa e tratamos a pessoa como um indivíduo: um mero cidadão também sujeito à lei. Mas, quando são os nossos, eles são vítimas da imprensa, meros alopados, ou crianças. Como sequer julgar o presidente do Congresso Nacional, se ele é nosso colega, amigo e nos favoreceu em inúmeras situações?

Tenho para mim que o intolerável e verdadeiramente enlouquecedor no Brasil atual não é o jogo de forças entre pessoas e leis, rotineiro em qualquer sistema, mas a manutenção daquelas duas éticas no campo do “político”, justamente a esfera destinada a resolver a duplicidade. A coisa chegou a tal ponto que a palavra “política” passou a designar precisamente esse jogo amoral no qual a igualdade é sempre ultrapassada por pessoas que, desdenhando das leis, passam a controlá-las em vez de zelar por elas. Ou um ritual no qual os criminosos são acusados mas, quando são importantes, livram-se da pena porque têm comprovadas relações pessoais e partidárias com os donos do poder. Pior ainda, “política” passou a designar uma rotina de desfaçatez que é a manifestação mais patente do outro traço daquela duplicidade ética: uma extraordinária ambigüidade no que diz respeito a dois sentimentos que acompanham o rompimento da norma, a saber, a vergonha e a culpa.

(DAMATTA, Roberto. *Veja*, 15 ago. 2007 – adaptado.)

46 - Tendo em vista o texto, considere as afirmações abaixo:

1. A indecisão entre a ética particularista (da casa, amigos, família) e a ética universalista (da rua, do mundo público) é algo que nasce na esfera política e a ela se restringe.
2. O tratamento da corrupção no Brasil é marcado pela duplicidade ética que leva a condenar os estranhos, mas relevar os delitos das pessoas próximas.
3. O combate à corrupção do governo Lula mostrou que ela está vinculada a determinadas ideologias e partidos políticos.
4. A resistência de parlamentares a julgar o presidente do Congresso Nacional faz prevalecer a ética da casa em detrimento da ética da rua.

Assinale a alternativa correta.

-) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.

Resposta correta: Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.

COMENTÁRIO: O texto-base serve como referência a questões interpretativas, o que, no caso desta questão, versava sobre compreensão das idéias centrais do mesmo. Ao candidato, portanto, coube a verificação se as paráfrases presentes nas alternativas estavam de acordo com tais idéias.

47 - No segundo parágrafo do texto, o autor faz usos diferenciados da primeira pessoa do plural, ora para designar conjuntos amplos de pessoas, ora conjuntos mais restritos. Observe a última frase do parágrafo:

“Como sequer julgar o presidente do Congresso Nacional, se ele é nosso colega, amigo e nos favoreceu em inúmeras situações?”

As formas da primeira pessoa do plural destacadas nessa frase designam:

-) o povo brasileiro.
-) os leitores da revista *Veja*.
-) um grupo de parlamentares.
-) Roberto Damatta e seus amigos.
-) o Poder Judiciário.

Resposta correta: um grupo de parlamentares.

COMENTÁRIO: O uso de referentes pronominais foi o tema para a elaboração desta questão. O curioso foi não haver menção ao caráter siléptico deste tipo de fenômeno “o autor faz usos diferenciados da primeira pessoa do plural, ora para designar conjuntos amplos de pessoas, ora conjuntos mais restritos.”, mesmo por isso trata-se de evidência fácil de ser aferida.

48 - Para Damatta, a coexistência entre as duas éticas:

-) é intolerável em qualquer sistema.
-) deve ser mantida para garantir a diversidade no campo político.
-) distancia os políticos do seu papel social.
-) garante a igualdade no julgamento dos que desdenham das leis.
-) se relaciona com os sentimentos de culpa e vergonha, decorrentes da ética da rua e da casa, respectivamente.

Resposta correta: distancia os políticos do seu papel social.

COMENTÁRIO: Pedese nesta questão a interpretação quanto à opinião do autor do texto-base, esperando do candidato a percepção quanto à estrutura do texto dissertativo no que tange à formulação de tal opinião.

49 - A Gazeta do Povo, em sua edição on-line, publicou em 8 de agosto de 2007 a seguinte notícia:

Com cerca de 1 milhão de veículos circulando pelas ruas de Curitiba é preciso buscar alternativas para evitar os congestionamentos. Alguns motoristas fazem rotas alternativas, desviando do centro da cidade. Outros procuram sair de casa mais cedo, evitando os horários de pico. Um projeto mais radical foi apresentado na Câmara de Vereadores de Curitiba. A proposta quer implantar um rodízio de carros no centro da capital.

Segundo o telejornal *Paraná TV 1ª Edição*, uma vez por semana seria necessário deixar o veículo em casa e procurar meios de transporte alternativos. Os carros seriam proibidos de circular pela área central de acordo com o número final da placa. O autor do projeto é o vereador Custódio da Silva. Segundo ele, não é só o trânsito congestionado que preocupa. O rodízio também ajudaria a diminuir a poluição. [...]

(www.rpc.com.br/gazetadopovo/parana/conteudo. Acessado em 16 ago. 2007.)

O site do jornal realizou a seguir um fórum, em que propôs aos leitores a seguinte questão: “Qual é a sua opinião sobre a implantação de rodízio de carros no centro de Curitiba?”

Assinale a alternativa que apresenta uma manifestação favorável ao rodízio.

-) “[...] Ainda faz sentido investir em planejamento de tráfego urbano – de preferência, com planejamento para longo prazo.” (R.)
-) “O sistema de transporte vai virar um caos e a poluição vai aumentar, pois as pessoas vão trocar um carro novo por dois velhos! Ou um velho por dois mais velhos ainda.” (D.)
-) “Minha opinião é... quem foi que votou nesse vereador Custódio da Silva???” (L.G.P.I.)
-) “[...] no centro da cidade é impossível transitar com veículo nos dias de semana [...] o centro tem um excelente sistema de transporte e caminhar só faz bem à saúde.” (E.M.)
-) “O que a população necessita é de alternativas do transporte público, como metrô, ônibus limpos e seguros, para que você possa deixar o seu veículo em casa e ter a tranquilidade da qualidade dos serviços.” (V.R.A.)

Resposta correta: “[...] no centro da cidade é impossível transitar com veículo nos dias de semana [...] o centro tem um excelente sistema de transporte e caminhar só faz bem à saúde.” (E.M.)

COMENTÁRIO: Por eliminação chega-se à resposta considerada pela banca elaboradora da questão. Não há definitivamente contexto que dê margem à aceitação do pressuposto, que determinaria o transporte e o ato de caminhar sendo também alternativas consideráveis como **rodízio**.

O texto a seguir é referência para as questões 50 e 51.

A Filosofia como investigação

Todos sabem que o cético duvida de tudo. E todos sabem que duvidar de tudo não tem sentido: as idéias céticas podem ser sedutoras, mas dizer que não sabemos nada, que não temos certeza de nada é algo exagerado, absurdo e auto-refutável. O ceticismo, usualmente, é tido como algo negativo, enquanto na filosofia, freqüentemente é descrito como uma posição que deve ser desafiada, enfrentada e vencida.

Essa atitude negativa que se atribui ao filósofo cético, porém, não é mais que um aspecto incidental e parcial do ceticismo. Na verdade, tal dúvida universal é inventada por filósofos modernos. Por isso, muitos autores que lidam com a questão cética são responsáveis pela difusão de uma imagem do ceticismo que não faz plena justiça à tradição intelectual que lhe deu origem. Oswaldo Porchat, um dos mais importantes filósofos brasileiros, já disse que a filosofia moderna e contemporânea costuma recorrer a “caricatas figurações” da filosofia cética: “cada filósofo fabrica seu inimigo cético particular e atribui-lhe esdrúxulas doutrinas *ad hoc* forjadas de modo que melhor sejam refutadas”.

Quando nos defrontamos diretamente com os escritos e as idéias dos céticos, em especial dos céticos gregos antigos que sobreviveram ao tempo, encontramos uma imagem surpreendentemente rica e interessante do ceticismo, bem como uma maneira peculiar de questionar as doutrinas filosóficas. Há, assim, uma diferença crucial entre o cético moderno e o cético antigo. O primeiro lança uma dúvida radical sobre todos os domínios do conhecimento. Lembremo-nos, por exemplo, dos cenários onde são traçados os argumentos do sonho e do gênio maligno nas *Meditações* de Descartes: tenho o pensamento de que estou aqui, neste momento, sentado nesta cadeira, segurando uma folha de papel, mas posso estar sonhando ou sendo enganado por um deus poderoso. Por essa razão, uma questão central da epistemologia moderna é a seguinte: já que um pensamento que eu tomo como verdadeiro pode ser falso ou ilusório, o que deve ocorrer a um pensamento para lhe conferir a qualidade de conhecimento? O cético antigo, por sua vez, não supõe que todas as nossas crenças são ou podem ser simultaneamente falsas. A postura dubitativa do cético é ainda mais radical, pois a sua questão cética central não seria “é possível conhecer?” ou “como conhecemos?”, mas a pergunta mais fundamental: “temos alguma razão para acreditar?” [...]

(SILVA FILHO, Waldomiro José da. *Cult* n. 116, ago. 2007.)

50 - Segundo o autor, dizer que não sabemos de nada ou não temos certeza de nada é auto-refutável. Isso significa que:

-) Dizer que não se sabe ou não se tem certeza de nada já representa um conhecimento e uma certeza.
-) Ninguém é tão vazio a ponto de não ter nenhum conhecimento na mente.
-) A apreensão do conhecimento é natural e inevitável: à medida que vivemos, nossos sentidos vão apreendendo coisas.
-) Tudo que é exagerado e absurdo é auto-refutável.
-) É necessário combater o pessimismo de quem duvida de tudo.

Resposta correta: Dizer que não se sabe ou não se tem certeza de nada já representa um conhecimento e uma certeza.

COMENTÁRIO: Questões sobre textos filosóficos são sempre complicadas. Esta, no entanto, não é exemplo disto, pois o que foi pedido foi a interpretação de uma frase e a reescrita da mesma mantendo o seu significado.

51 - Segundo o texto, qual é a principal diferença entre o ceticismo antigo e o moderno?

-) Enquanto o ceticismo moderno é otimista, o antigo é pessimista.
-) O ceticismo antigo tinha uma visão caricaturada do mundo, que foi modificada no moderno.
-) O ceticismo antigo aplica-se a todos os domínios do conhecimento; o moderno é mais restrito.
-) O ceticismo moderno questiona as condições do conhecimento; o antigo, se há por que crer.
-) O ceticismo moderno é mais rico e interessante que o antigo.

Resposta correta: O ceticismo moderno questiona as condições do conhecimento; o antigo, se há por que crer.

COMENTÁRIO: A dificuldade da questão centra-se na interpretação de que a expressão “se há por que crer” equivale a “temos alguma razão para acreditar?”. Por tratar-se de um discurso pouco comum entre as leituras dos jovens de ensino médio, pode-se atribuir a esta questão um grau de dificuldade superior àquilo que se propõe, ou tem sido a proposta da UFPR.

52 - Assinale a alternativa que pode ser usada no início do trecho abaixo, tornando-o coerente.

..... O estudo, envolvendo 545 homens, constatou que os mais otimistas têm metade das probabilidades de morrer de doenças cardiovasculares. Os pesquisadores acreditam que isso provavelmente acontece porque os otimistas fazem mais exercícios e lidam melhor com a adversidade. (Folha de S. Paulo, 5 mar. 2006.)

-) As mulheres vivem mais do que os homens, afirmam os pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
-) Os otimistas têm menos possibilidade de morrer de doenças cardiovasculares do que os pessimistas, afirmam os pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
-) Os homens que fazem diariamente exercícios físicos têm menos chance de terem problemas mentais, afirmam pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
-) As mulheres vivem mais do que os homens, mas têm menos chance de terem problemas cardiovasculares, afirmam os pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.
-) Os homens com perfil pessimista que fazem diariamente exercícios físicos têm menos chance de terem problemas mentais, afirmam pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.

Resposta correta: Os otimistas têm menos possibilidade de morrer de doenças cardiovasculares do que os pessimistas, afirmam os pesquisadores do Instituto de Saúde Mental da Holanda.

COMENTÁRIO: A noção de continuidade de texto, este ano, foi cobrada em uma questão objetiva; focando, portanto, a capacidade de percepção de todo o conjunto de elementos presentes de um texto a ser interpretado.



(Fausto, www.chargeonline.com.br, 14 set. 2007.)

53 - Tendo em vista a charge de Fausto, considere as seguintes afirmativas:

1. O efeito de humor é obtido, dentre outras coisas, pela recuperação do sentido literal da frase do último quadrinho.
2. A expressão “trem-bala” constitui uma metáfora: veloz como uma bala. Fausto associa, à já metaforizada expressão, um novo sentido.
3. O mico retratado no último quadrinho simboliza a vergonha do povo brasileiro diante dos infortúnios.
4. O desenho do Congresso Nacional no último quadro permite associar as figuras humanas retratadas nesse quadro com os políticos brasileiros, que se revoltam com os escândalos divulgados nos últimos meses.

Assinale a alternativa correta.

-) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 1, 2 e 4 são verdadeiras.

Resposta correta: Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.

COMENTÁRIO: Figuras de linguagem são recorrentes em questões de vestibular. Esta questão trabalhou também com os artifícios que promovem o tipo de texto utilizado na formulação da proposta, enfatizando a necessidade de interpretação do efeito provocado no leitor e a intenção do autor.

O texto a seguir é referência para as questões 54 e 55.

Modos de pensar a televisão

Uma característica marcante da televisão é a seriação. Como se sabe, a programação televisual é muito freqüentemente concebida em forma de blocos, cuja duração varia de acordo com cada modelo de televisão. Uma emissão diária de um determinado programa é normalmente constituída por um conjunto de blocos, mas ela própria também é um segmento de uma totalidade maior – o programa como um todo – que se espalha ao longo de meses, anos, em alguns casos, até décadas, sob a forma de edições diárias, semanais ou mensais. Chamamos de seriação essa apresentação descontínua e fragmentada do programa televisual.

Há várias explicações sobre as razões que levaram a televisão a adotar a seriação como a principal forma de estruturação de seus produtos audiovisuais. Para muitos, a televisão, muito mais que os meios anteriores, funciona segundo um modelo industrial e adota como estratégia produtiva as mesmas prerrogativas da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais, sobretudo na indústria automobilística. A necessidade de alimentar com material audiovisual uma programação ininterrupta teria exigido da televisão a adoção de modelos de produção em larga escala, na qual a seriação e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra.

Mas, independentemente dessa explicação econômica, existem também razões de natureza intrínseca ao meio condicionando a televisão à produção seriada. A recepção de televisão em geral se dá em espaços domésticos iluminados, em que o ambiente circundante concorre diretamente com o lugar simbólico da tela pequena, desviando a atenção do espectador e solicitando-o com muita freqüência. Isso quer dizer que a atitude do espectador em relação ao enunciado televisual costuma ser dispersiva e distraída em grande parte das vezes. Diante dessas contingências, a produção televisual se vê permanentemente constringida a levar em consideração as condições de recepção e essa pressão acaba finalmente por se cristalizar em forma expressiva. Um produto adequado aos modelos correntes de difusão não pode assumir uma forma linear, progressiva, com efeitos de continuidade rigidamente amarrados como no cinema, ou então o telespectador perderá o fio da meada cada vez que a sua atenção se desviar da tela pequena. A televisão logra melhores resultados quanto mais a sua programação for do tipo recorrente, circular, reiterando idéias e sensações a cada novo plano, ou então quando ela assume a dispersão, organizando a mensagem em painéis fragmentários e híbridos, como na técnica da colagem.

(MACHADO, Arlindo. *Cult*, n. 115, jul. 2007 – Adaptado.)

54 - O autor apresenta como característica fundamental da televisão a seriação. Segundo ele, essa característica:

-) resulta em uma programação repetitiva e com pouca criatividade.
-) facilita a inserção dos comerciais durante a programação, garantindo as condições materiais para o funcionamento da TV.
-) decorre tanto das condições de produção dos programas quanto de sua recepção.
-) reduz a capacidade de concentração, reflexão e crítica dos telespectadores.
-) aumenta o custo de produção e exige grandes investimentos.

Resposta correta: decorre tanto das condições de produção dos programas quanto de sua recepção.

COMENTÁRIO: Nesta questão exigiu-se do candidato a análise das relações entre emissor e receptor, bem como da função do referente e da mensagem a fim de se estabelecer a adequada interpretação do texto-base.

55 - Em que alternativa a expressão entre parênteses poderia substituir a palavra sublinhada, preservando o sentido original do texto?

-) “[...] adota como estratégia produtiva as mesmas prerrogativas da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais [...]” (**previsões**)
-) “[...] existem também razões de natureza intrínseca ao meio condicionando a televisão à produção seriada.” (**externa**)
-) “Diante dessas contingências, a produção televisual se vê permanentemente constringida a levar em consideração as condições de recepção [...]” (**contradições**)
-) “[...] a produção televisual se vê permanentemente constringida a levar em consideração as condições de recepção [...]” (**forçada**)
-) “[...] organizando a mensagem em painéis fragmentários e híbridos, como na técnica da colagem.” (**frágeis**)

Resposta correta: “[...] a produção televisual se vê permanentemente constringida a levar em consideração as condições de recepção [...]” (**forçada**)

COMENTÁRIO: Questão sobre sinonímia, na qual o candidato deveria observar se dentro do contexto haveria possibilidade de trocas vocabulares a fim de se manter o sentido original do texto base.

56 - Assinale a alternativa que reescreve o texto abaixo de acordo com a norma culta, mantendo-lhe o sentido.

Os presídios não é uma forma de mudar o ponto de vista de qualquer pessoa que esteja lá presa, um marginal que já fez de tudo na vida não é que vai preso que ele vai mudar totalmente.

-) Os presídios não é uma forma de mudar o ponto de vista de qualquer pessoa que esteja lá preso. Um marginal que já fez de tudo na vida não é porque vai preso que ele vai mudar totalmente.
-) Os presídios não são uma forma de mudar o ponto de vista de qualquer pessoa que esteja lá presa, um marginal que já fez de tudo na vida não é que vão preso que vão mudar totalmente.
-) Os presídios não são uma forma de mudar o ponto de vista de quem esteja lá preso. Não é porque foi preso que um marginal que já fez de tudo na vida vai mudar totalmente.
-) Presídio não é uma forma de mudar o ponto de vista das pessoas presas, um marginal não vai mudar totalmente por tudo que já fez na vida e então vai preso.
-) Os presídios não são uma forma de mudar o ponto de vista de qualquer pessoa presa. Um marginal que já fez de tudo na vida vai preso e vai mudar totalmente.

Resposta correta: Os presídios não são uma forma de mudar o ponto de vista de quem esteja lá preso. Não é porque foi preso que um marginal que já fez de tudo na vida vai mudar totalmente.

COMENTÁRIO: A reescrita de textos é cobrada tanto em redações, quanto em questões objetivas, como é o caso. Trata-se simplesmente de adequar à modalidade culta da língua um enunciado informal do ponto de vista da variação lingüística. Os aspectos cobrados foram: concordância, conectividade - coesão – e interpretação do enunciado original.



(Folha de S. Paulo, 19 set. 2007.)

57 - Com base na tira acima, é correto afirmar:

1. A tira demonstra que afirmar que algo foi dito implica, necessariamente, afirmar que o que foi dito é verdadeiro.
2. A resposta dada no segundo quadrinho mostra que a pergunta feita no primeiro quadrinho é ambígua.
3. A resposta do segundo quadrinho permite concluir que o produto em questão se conserta sozinho.

Assinale a alternativa correta.

-) Somente a afirmativa 1 é verdadeira.
-) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
-) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
-) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.
-) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.

Resposta correta: Somente a afirmativa 2 é verdadeira.

COMENTÁRIO: A ambigüidade foi cobrada nesta questão exigindo a percepção do candidato quanto à dupla possibilidade de interpretação da pergunta “É verdade?” que, dentro do contexto, pode ser entendida como uma afirmação sobre o que foi dito ou como um questionamento sobre a veracidade da afirmação contida no interior da pergunta.